

EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NA PÓS-GRADUAÇÃO (1995-2005)

Ano	Alunos regulares		Total de alunos regulares	Estudantes Especiais	Total de alunos matriculados
	Mestrado	Doutorado			
1995	3.830	2.996	6.826	1.945	8.771
1996	3.781	3.276	7.057	2.237	9.294
1997	3.879	3.561	7.440	2.326	9.766
1998	3.885	3.896	7.781	2.707	10.488
1999	4.110	4.092	8.202	3.191	11.393
2000	4.481	4.334	8.815	3.373	12.188
2001	4.661	4.526	9.187	3.597	12.784
2002	4.546	4.594	9.140	4.326	13.466
2003	4.563	4.779	9.342	4.735	14.077
2004	5.078	5.219	10.297	4.466	14.763
2005	4.941	5.308	10.249	4.751	15.000

TESSES DE DOUTORADO E DISSERTAÇÕES DE MESTRADO (1995-2005)

Ano	Mestrado	Doutorado	Total
1995	724	320	1.044
1996	794	375	1.169
1997	854	414	1.268
1998	859	460	1.319
1999	858	535	1.393
2000	909	554	1.463
2001	1.159	731	1.890
2002	1.194	698	1.892
2003	1.297	743	2.040
2004	1.200	739	1.939
2005	1.187	873	2.060

Fonte: Aeplan



Fotos: Antoninho Perri

Pós-Graduação tem o que comemorar

Com metade dos alunos da Unicamp, meta é estimular a interação das áreas e internacionalizar atividades

MANUEL ALVES FILHO

manuel@reitoria.unicamp.br

A Unicamp chega aos 40 anos com muitos motivos para comemorar, principalmente no que toca ao seu ensino de pós-graduação. Nas últimas quatro décadas, a pós só fez crescer em tamanho e qualidade. Alguns números atestam essa evolução. A Universidade soma atualmente 25 mil dissertações e teses defendidas e responde por cerca de 10% da produção nacional na área. Além disso, seus cursos detêm a melhor nota média do país, conforme avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão do Ministério da Educação. Vinte e quatro deles têm conceitos 6 e 7 da Capes, os mais altos de sua classificação. "Nosso principal desafio, com vistas ao futuro, é aprimorar esse nível de excelência. Uma das questões a serem trabalhadas é estimular ainda mais a interação entre as diversas áreas do conhecimento", afirma a pró-reitora de Pós-Graduação da Unicamp, professora Teresa Dib Zambon Atvars.

O ensino de pós-graduação na Unicamp é diferenciado desde os primórdios da instituição, que já nasceu com a proposta de aliar o ensino à pesquisa. Aliás, essa tradição surgiu antes mesmo da fundação da Universidade, por mais pitoresco que possa parecer. É que o primeiro curso de mestrado teve início em 1962, portanto quatro anos antes do lançamento da pedra fundamental do campus de Barão Geraldo, por iniciativa da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), que seria incorporada à Unicamp apenas em janeiro de 1967. Em 1969, a Faculdade de Engenharia de Alimentos instituiu os cursos de mestrado em Tecnologia de Alimentos e Ciências dos Alimentos, que receberam autorização para funcionar em dezembro daquele ano.

Hoje, a Unicamp oferece 65 programas de mestrado e doutorado, englobando todas as áreas do conhecimento. Um dado que surpreende na pós-graduação é o fato de ela abrigar perto de 14 mil alunos, contingente que equivale a praticamente metade (49%) dos estudantes da Universidade. Esses



Teresa Atvars, pró-reitora de Pós-Graduação: sucesso se deve aos professores e alunos de qualidade e boa infra-estrutura

pós-graduandos são responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisas que geram conceitos, processos e produtos que colaboram tanto com o desenvolvimento do conhecimento, quanto para a geração de riquezas ao país. Outro aspecto importante do trabalho de qualificação realizado pela Universidade diz respeito ao potencial multiplicador do pessoal que se forma por aqui.

Embora os números oscilem um pouco a cada ano, entre 25% e 30% dos estudantes de pós-graduação da Unicamp são de outros estados do Brasil. Assim que deixam a Universidade, essas pessoas normalmente retornam aos seus locais de origem, onde atuarão em universidades, empresas privadas, institutos de pesquisa e órgãos governamentais. "Ademais, nós temos

formado no decorrer dos últimos 40 anos expoentes nas mais variadas áreas do conhecimento. Esses especialistas têm sido responsáveis pela formulação e execução de importantes políticas públicas, seja na esfera federal, seja nos estados ou municípios", lembra a pró-reitora de Pós-Graduação.

De acordo com a professora Teresa Atvars, o sucesso da pós-graduação se deve a três fatores fundamentais. Um deles é a qualidade dos professores. Outro, a boa infra-estrutura de pesquisa. O último aspecto, mas nem por isso menos importante que os anteriores, refere-se à alta capacidade dos alunos. Por considerarem a Unicamp como um centro de excelência, frequentemente os melhores estudantes do país fazem questão

de ingressar nos programas oferecidos pela Universidade.

Internacionalização

Uma iniciativa que tem ajudado a conferir ainda mais qualidade ao ensino de pós-graduação é o esforço da Unicamp no sentido de internacionalizar as atividades nessa área. Embora a participação em congressos no exterior e a publicação de trabalhos científicos nas mais renomadas revistas do mundo já fizessem parte da tradição dos professores, até há pouco tempo a Universidade dispunha de poucos mecanismos que possibilitassem aos estudantes viajar ao exterior. Isso tem sido progressivamente superado por meio de algumas ações, como o estabelecimento de intercâmbios com instituições estrangeiras. Há aproximadamente um mês, por exemplo, foi firmada parceria que permitirá o envio de 20 alunos – dez da graduação e outros dez da pós – para o cumprimento de estágios em escolas de nível superior da Espanha, por períodos de até seis meses.

Além disso, a Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (Cori) tem intensificado conversações com universidades estrangeiras, inclusive da América Latina, com o objetivo de abrir novos canais de intercâmbio. Atualmente, algo como 3% dos estudantes da pós-graduação da Unicamp são latino-americanos. A intenção é ampliar essa participação, bem como elevar o número de alunos brasileiros nos programas mantidos pelas instituições estrangeiras. "Essa vivência internacional é extremamente importante. Não só do ponto de vista profissional, mas também pessoal. É fundamental conhecer outras culturas e idiomas. Imagine visitar uma universidade europeia que foi fundada antes mesmo do descobrimento do Brasil? Isso é enriquecedor", analisa a professora Teresa Atvars.

Interdisciplinaridade

O fato de ter galgado uma posição de destaque no cenário nacional não significa que a pós-graduação da Unicamp esteja dispensada de buscar o aprimoramento. Um dos desafios a serem enfrentados no futuro é estimular a interação entre as diversas áreas do conhecimento. De acordo com a professora Te-

resa Atvars, isso já acontece em algum grau, graças à iniciativa dos professores, que encontram mecanismos de colaboração mútua. "Entretanto, ainda temos algumas barreiras formais que precisam ser superadas", admite. Dois bons exemplos de cooperação entre áreas diferentes são os cursos de Planejamento Energético, ministrado em parceria pelo Instituto de Geociências (IG) e Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM), e o de Relações Internacionais, este de caráter multiinstitucional, envolvendo Unicamp, PUC de São Paulo e Unesp.

Na visão da pró-reitora, a tendência é que a Unicamp adote novas medidas para favorecer essa abordagem interdisciplinar. "Atualmente, diversas áreas do conhecimento tradicional já não conseguem mais dar conta sozinhas de um problema científico de modo global. Assim, a colaboração entre vários segmentos do saber é a única maneira de cobrir esse problema em toda a sua complexidade, em todas as suas facetas. Quando se fala em ações voltadas ao planejamento energético, por exemplo, estamos falando numa diversidade de aspectos que precisam ser estudados, como gestão, equipamentos, meio ambiente, impactos sociais etc", explica.

Um outro desafio que a pós-graduação terá de enfrentar, embora este dependa menos da Unicamp e mais das agências e órgãos governamentais, é a questão da concessão de bolsas de estudos. O atual número (algo próximo de 3,4 mil para mestrado e doutorado) não é suficiente para atender a demanda. À exceção da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que tem ampliado os investimentos nessa área, tanto a Capes quanto o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) têm cumprido caminho inverso. "Esse problema nos preocupa muito, assim como nos preocupa a falta de investimentos públicos na renovação do nosso parque instrumental. Sem bons instrumentos, não se faz ciência de ponta. No limite, se isso não for corrigido no médio prazo, penso que ficaremos distante da fronteira do conhecimento, o que nos colocará fora do mercado global", adverte a professora Teresa Atvars.